

LEIDIANE DOS SANTOS CIRQUEIRA

Semiformação e Deformação da
Consciência em Theodor Adorno



FAPCOM



COLEÇÃO EBOOKS | FAPCOM

FILOSOFIA

Semiformação e Deformação da Consciência em Theodor Adorno

LEIDIANE DOS SANTOS CIRQUEIRA

Semiformação e Deformação da
Consciência em Theodor Adorno



Coleção E.books Fapcom

A Coleção E.books FAPCOM é fruto do trabalho de alunos de graduação da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Os conteúdos e temas publicados concentram-se em três grandes áreas do saber: filosofia, comunicação e tecnologias. Entendemos que a sociedade contemporânea é transformada em todas as suas dimensões por inovações tecnológicas, consolida-se imersa numa cultura comunicacional, e a filosofia, face a esta conjuntura, nos ocorre como essencial para compreendermos estes fenômenos. A união destas três grandes áreas, portanto, nos prepara para pensar a vida social. A Coleção E.books FAPCOM consolida a produção do saber e a torna pública, a fim de fomentar, nos mais diversos ambientes sociais, a reflexão e a crítica.

Conselho Científico

Alessandra Barros Marassi
Antonio Iraildo Alves de Brito
Claudenir Módolo Alves
Claudio Avelino dos Santos
Jakson Ferreira de Alencar
Valdir José de Castro

Livros da Coleção E.books FAPCOM

A COMUNICAÇÃO NA IGREJA CATÓLICA LATINO-AMERICANA

Paulinele José Teixeira

ASCENSÃO DIALÉTICA NO BANQUETE

Iorlando Rodrigues Fernandes

COMUNICAÇÃO E AMBIENTE DIGITAL

Cinzia Giancinti

A ONTOLOGIA DA ALMA EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

Moacir Ferreira Filho

PARA REFLETIR O QUE A GENTE ESQUECIA:
ANÁLISE DE VIDEOCLIPES DA BANDA O RAPPA

Talita Barauna

NARRATIVAS DA FRONTEIRA:
INTERFACES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NAS
MEMÓRIAS DO CÁRCERE, DE GRACILIANO RAMOS

Marcos Vinícius Lima de Almeida

O CINEMA TRASH E A RECICLAGEM DA INDÚSTRIA CULTURAL

Juliano Ferreira Gonçalves

O TRATADO SOBRE AS DUAS NATUREZAS DE BOÉCIO
ASPECTOS FILOSÓFICOS DA CONTRAPOSIÇÃO
ÀS HERESIAS DE ÊUTIQUES E NESTÓRIO

Gabriel Anderson Barbosa

O PROBLEMA DA FELICIDADE NA FILOSOFIA TRÁGICA DE NIETZSCHE

Gabriel Sanches Gonçalves

PEDRINHAS - A CIDADE E AS SOMBRAS

Guilherme Lazaro Mendes

BRANDING SENSORIAL: POTENCIAL E LIMITES

Amanda Mendes Zerbinatti

UM ESTUDO DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR
DE NARRATIVA TRANSMÍDIA BRASILEIRA

Fernanda Gonçalves dos Santos

COLCCI: DO FUNDO DO QUINTAL PARA SPFW- AS RELAÇÕES PÚBLICAS E O
MARKETING INTEGRADOS NO REPOSICIONAMENTO DA MARCA

Ynaia Alexandre Rosa

AS CONSEQUÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO
SANTO AGOSTINHO

Lucas Rodrigues Dalbom

FILOSOFIA DA NATUREZA EM ARISTÓTELES:
A TEORIA DAS QUATRO CAUSAS E ANECESSIDADE TELEOLÓGICA

Mário Henrique Miguel Pereira

ANÁLISE DO PERFIL JORNALÍSTICO NAS REVISTAS PIAUÍ E VEJA:
DOS PROTAGONISTAS DO COTIDIANO ÀS CELEBRIDADES E FIGURAS PÚBLICAS

Matheus Campos da Silva

APPLE E O COMERCIAL TELEVISIVO “1984”:
ASPECTOS CULTURAIS E SEMIÓTICOS NA FORMAÇÃO DE BRANDING DA MARCA

Thiago Neves

WE LOVE BOOK

Silas Tarso Sales

Ynaia Alexandre Rosa

AS CONSEQUÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO
SANTO AGOSTINHO

Lucas Rodrigues Dalbom

FILOSOFIA DA NATUREZA EM ARISTÓTELES:
A TEORIA DAS QUATRO CAUSAS E ANECESSIDADE TELEOLÓGICA

Mário Henrique Miguel Pereira

ANÁLISE DO PERFIL JORNALÍSTICO NAS REVISTAS PIAUÍ E VEJA:
DOS PROTAGONISTAS DO COTIDIANO ÀS CELEBRIDADES E FIGURAS PÚBLICAS

Matheus Campos da Silva

APPLE E O COMERCIAL TELEVISIVO “1984”:
ASPECTOS CULTURAIS E SEMIÓTICOS NA FORMAÇÃO DE BRANDING DA MARCA

Thiago Neves

WE LOVE BOOK

Silas Tarso Sales

NO ESCONDERIJO DO VERSO: ANÁLISE DO DISCURSO
RELIGIOSO DO PADRE FÁBIO DE MELO

Marcelo Lopes Staffa

O TEMPO CÍCLICO E A HISTÓRIA LINEAR EM AGOSTINHO

David Brendo Silva

EDUCAÇÃO E DISCIPLINA À LUZ DA MICROFÍSICA DO PODER DE
MICHEL FOUCAULT

Keller Reis Figueiredo

A FORÇA DO PRODUCT PLACEMENT NO YOUTUBE: UM ESTUDO DO CANAL
ACIDEZ FEMININA

Roberta Arello Bello Silva

O ATO DE VONTADE DAS CRIATURAS RACIONAIS EM SANTO AGOSTINHO

DANILO SERVILHA RIZZI

UMA NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA: ESTUDO DE CASO SOBRE AS
FORMAS COMUNICATIVAS PRATICADAS PELA COMUNIDADE DE NARCÓTICOS
ANÔNIMOS ATRAVÉS DO GRUPO DA PAZ

TAMIRES GOMES DA SILVA

O MAL COMO PRIVAÇÃO DO BEM:
A REFUTAÇÃO DE SANTO AGOSTINHO AO MANIQUEÍSMO

ELOI BATAGLION

REEXISTÊNCIAS:
AS PUNIÇÕES INSTITUCIONALIZADAS PARA NERGRITUDE FEMININA
THAÍS SOUZA ALMEIDA

A INDÚSTRIA DE CONSUMO A PARTIR DE ESTRATÉGIAS MERCADOLÓGICAS
DA TELENOVELA OS DEZ MANDAMENTOS
MAYSA SIQUEIRA

A RELAÇÃO ENTRE TÉCNICA E ECOLOGIA NA OBRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA:
UMA LEITURA A PARTIR DO MARTIN HEIDEGGER
LARISSA CHACON BATISTA

MERCADO DE LUXO: A IDENTIDADE DE GABRIELLE COCO CHANEL COMO
ELEMENTO DE LOVEMARK
NATALIA MENDES ARAUJO

AGOSTINHO E A MÚSICA: UMA RUPTURA?
MÔNICA REGINA AUGUSTO

Direção Editorial

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação Editorial

Claudenir Módolo Alves

Alessandra Barros Marassi

Produção Editorial

Editora Paulus

Capa

Gledson Zifssak

Diagramação

Viviane Tamagawa

Revisão Gramatical

João Paulo Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cirqueira, Leidiane dos Santos

Semiformação e deformação da consciência em Theodor Adorno [livro eletrônico] / Leidiane dos Santos Cirqueira. -- São Paulo: Paulus, 2019.

1 Mb (Coleção E.books FAPCOM)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-5009-1

1. Filosofia alemã 2. Educação 3. Consciência 4. Indústria cultural 5. Conformismo
6. Adorno, Theodor W., 1903-1969 I. Título II. Série

19-0894

CDD 193

CDU 1(430)

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia alemã

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 – São Paulo – (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700 – Fax (11) 5579-3627

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN: 978-85-349-5009-1

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Tiago Souza Machado Casado.

A subida é íngreme e necessita de solidariedade. Neste breve período do curso de Filosofia, tenho muito o que agradecer por cada exemplo, sobre os quais reflito.

Absorvendo os ensinamentos e partilhando do muito que aprendi.

Assim, ciente de que a caminhada é longa, sigo com o sentimento de superação e esperança, pois a elevação do pensamento requer constância e inspiração.

A uma passante

A rua em derredor era um ruído incomum,
longa, magra, de luto e na dor majestosa,
Uma mulher passou e com a mão faustosa
Erguendo, balançando o festão e o debrum;

Nobre e ágil, tendo a perna assim de estátua exata.
Eu bebia perdido em minha crispação
No seu olhar, céu que germina o furacão,
A doçura que embala o frenesi que mata.

Um relâmpago e após a noite! — Aérea beldade,
E cujo olhar me fez renascer de repente,
Só te verei um dia e já na eternidade?

Bem longe, tarde, além, jamais provavelmente!
Não sabes aonde vou, eu não sei aonde vais,
Tu que eu teria amado — e o sabias demais!

(Charles Baudelaire)

RESUMO

A presente pesquisa parte das categorias do pensamento do filósofo Theodor Adorno acerca do impacto da Indústria Cultural (*Kulturindustrie*) sobre a consciência humana, bem como as consequências deformativas advindas desse fenômeno para a apreensão do real. A pesquisa aborda o conceito de Indústria Cultural e busca compreender sua atualidade, sobretudo em relação ao risco de perpetuação da semiformação (*Halbbildung*) enquanto processo regressivo da subjetividade. Busca-se apresentar, a partir do método Dialético-Negativo de Adorno, o momento da não identidade como forma de desvelar a ambiguidade do conceito, que, por sua vez, é instrumento da filosofia em sua insistente tarefa de captar o não idêntico. Por fim, a pesquisa monográfica constitui uma tentativa de questionar o sistema de produção da realidade que exclui o outro do processo de conhecimento e da formação para a autorreflexão, no qual o sujeito é meramente conformado, tornando-se incapaz de emancipar-se na experiência histórica (que permitiu Auschwitz). Trata-se de buscar perspectivas que possibilitem a resistência às formas sociais reproduzidas que permitem o estado de barbárie.

Palavras-chave: Consciência; Indústria Cultural; Semiformação; Auschwitz; Barbárie.

ABSTRACT

This research is part of Theodor Adorno's categories of thinking about the impact of the Cultural Industry (Kulturindustrie) on the human consciousness, as well as the deformative consequences of this phenomenon for the apprehension of the real. This research approaches the concept of Cultural Industry and seeks to understand its relevance, especially in relation to the risk of the perpetuation of semiformation (Halbbildung) as a regressive process of subjectivity. Starting from Adorno's method of Dialectic-Negative, this paper presents the moment of non-identity as a way of unveiling the ambiguity of the concept, which, in turn, is an instrument of philosophy in its insistent task of capturing the non-identical. Finally, the monographic research is an attempt to question the system of production of reality that excludes the other from the process of knowledge and the role in shaping the self-reflection, in which the subject is conformed, becoming incapable of emancipating itself in the historic experience (which allowed Auschwitz to happen). It is about seeking perspectives that allow resistance to the reproduced social forms that enable the state of barbarism.

Keywords: Consciousness; Cultural Industry; Semiformation; Auschwitz; Barbarism.

Sumário

Prefácio	15
Introdução	17
CAPÍTULO I	
1 Trilhas do pensamento adorniano como crítica da cultura....	19
1.1 Theodor Adorno: filosofia e dialética da negatividade...	19
1.2 Teoria social na Escola de Frankfurt	23
CAPÍTULO II	
2 Cultura, indústria cultural e reprodução	28
2.1 Indústria cultural: conceito e relevância da crítica	32
CAPÍTULO III	
3 Perspectiva de formação para além de um pensamento conformado	35
3.1 Crítica à semiformação como reprodução	
do pensamento vigente	35
3.2 Após Auschwitz como imperativo da	
formação contra a reprodução da barbárie	41
Considerações finais	45
Referências bibliográficas.....	47

PREFÁCIO

Tiago Casado

“O essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir”, diz Wolfgang Leo Maar na introdução de Educação e Emancipação referindo-se às possibilidades emancipatórias tais quais pensadas pela Teoria Crítica. Essas, segundo o tradutor da mesma obra, só são possíveis mediante uma consciência dos sujeitos refletidos na história. Essa ideia certamente traduz bem o próprio pensamento de Adorno, autor desta coletânea de ensaios sobre a Educação, insistindo que a formação deve ser situada historicamente, pela consciência maior ou menor da capacidade de compreender, de refletir, de elaborar o pensamento para além das formas sociais vigentes e perigosamente conformadas. É corroborando tal perspectiva filosófica e de crítica social que o presente trabalho de Leidiane dos Santos Cirqueira pretende resgatar o pensamento de Theodor Adorno naquilo que, penso eu, é mais urgente em tempos em que os riscos de um pensamento conformado (mesmo em discursos radicais) ainda são reais e nos assombam: resgatar o “sentido ético” da formação, cujo arcabouço propositivo passa pela crítica ao que Adorno chamou de semiformação (Halbbildung). Ao contrário do que se pode deduzir, a semiformação não é apenas resultado de um fracasso da cultura enquanto capacidade de bem formar os indivíduos, mas sim um fenômeno histórico que se desenvolve no cerne dos processos formativos, atrelados às estruturas sociais determinadas. Desse modo, ao invés de possibilitar a reflexão e a crítica aos sistemas vigentes e seus mecanismos de dominação, esta formação reforça e garante a permanência deste mesmo modelo acrítico, tido muitas vezes como suficiente. A Filosofia da negatividade proposta por Adorno, sem desprezar a dialética idealista e a tradição iluminista, percorre as vias sinuosas e obscuras da história a fim de evidenciar percursos que conduziram à barbárie e à indiferença em tempos de desumanidade. Tempos em que a técnica, a ciência e a informação caminhavam em velocidade impressionante, criando meios para atingir objetivos de dominação e poder, muitas vezes alheios aos fins humanos. Assim, como é apresentado neste trabalho, Adorno nos faz perceber que nem sempre a consciência e autorreflexão se fazem presentes em sociedades aparentemente evoluídas culturalmente. Nem sempre sistemas democráticos garantem por si só a liberdade e a

capacidade de compreensão dos fatos. E mais do que isso, nem sempre impedem a barbárie. Impedir que Auschwitz se repita torna-se, aqui, um imperativo ético da formação cultural, que encontra seu sentido na crítica sempre permanente aos modelos vigentes de reprodução da cultura, mesmo quando tais modelos parecem atender a determinados anseios capitais e às necessidades contingentes. Em tempos em que a educação crítica é duramente atacada por falácias políticas que flertam com o autoritarismo, buscando reduzir o espaço de formação à mera reprodução de um pensamento único e acrítico, torna-se urgente problematizar a formação cultural em seu caráter semiformativo, expondo os obstáculos que impedem a emancipação dos sujeitos. Neste propósito, o texto de Leidiane busca ser fiel aos conceitos adornianos ao trazer com precisão as questões teóricas do frankfurtiano com a densidade necessária a temas por vezes complexos, sem despreocupar-se, contudo, com a atualização deste pensamento, tendo transcorrido quase cinco décadas da morte do autor. Nesse sentido, esta obra é um convite a uma reflexão pertinente a respeito da semiformação e seus efeitos, trazendo discussões e pistas relevantes para refletirmos os rumos da sociedade no século XXI. Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Quando foi lançada a obra *Dialética do esclarecimento* em 1947, sua repercussão se deu justamente entre rebeldes e estudantes, o que de algum modo ressalta a receptibilidade do pensamento crítico em um meio no qual as pessoas têm um certo inconformismo mesclado a uma inquietude, que seja capaz de movê-las a buscar possibilidades reais para a sua expressão autônoma.

Provavelmente tenha repercutido algo similar em mim, a exemplo dos rebeldes e alunos da Califórnia ao ouvir, pela primeira vez, num comentário desprezioso o nome do filósofo Theodor Adorno, preocupado com o homem e a civilização que se quer formar, bem como com a formação em sua complexidade num mundo tecnicamente mediado, no qual a cultura tornou-se entretenimento para a manipulação das massas a serviço, portanto, dos dominadores. Era exatamente o que eu estava procurando para dar sentido à minha busca. Aumentei, assim, o coro dos que denunciam a contradição entre indivíduo e sociedade como um produto histórico da divisão de classes, bem como a usurpação do esquematismo kantiano pela indústria cultural para fins ideológicos, a exemplo do consumo.

Adorno não se limitou a uma reflexão somente dos meios tecnológicos de comunicação de massa, como também concebeu um método de desvelamento do real. A dialética negativa que ilumina o interior do conceito possibilitando deslumbrar outros entrelaçamentos na percepção do existente, reforçando o momento da negatividade no processo de conhecimento.

O particular é único e carrega em si uma imagem do mundo, porém em estado semiformado, reifica e é reificado, sem se dar conta de ser subsumido pela sociedade totalizante. Processo que se dá como semiformação e tem por consequência a deformação da consciência, na compulsão pela identidade, na desconcentração, na perda da capacidade de raciocínio, que subjuga o indivíduo e o leva à alienação de si, à inércia social, à mera conformação com o dado fornecido.

Comprometido e ciente dos problemas advindos da pressão social, Adorno enfatiza a luta pela emancipação, que significa se opor ao domínio do existente, negando a co-participação, o que impossibilitaria a ocorrência de Auschwitz, por exemplo. Pois o que há de ruim no mundo sempre encontra advogados loquazes, que procurarão demonstrar que justamente o que pretendemos encontra-se há muito superado ou então está desatualizado ou é utópico (ADORNO, 2006b, p. 185), quando na

realidade, apenas não contou com forças suficientes para efetivamente ser concretizado, ou seja, a tomada de consciência e a participação de cada indivíduo emancipado para realizar a revolução.

A concretização da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência. (ADORNO, 2006b, p. 183)

Provocada pelas leituras do filósofo frankfurtiano, empenhei toda a energia que me restou, a que não foi consumida pela pesada rotina de trabalho, pelas noites em claro estudando o que provavelmente levarei uma vida para entender, mas que no presente alegro-me por construir uma parte e aqui podê-la expor.

CAPÍTULO I

TRILHAS DO PENSAMENTO ADORNIANO COMO CRÍTICA DA CULTURA

1.1 Theodor Adorno: Filosofia e Dialética da Negatividade

Theodor Wiesengund Adorno nasceu em Frankfurt em Main, na Alemanha, no dia 11 de setembro. De origem judaica, seu pai, Oskar Wiesengrund, era comerciante atacadista de vinho, e sua mãe, Maria Calvelli-Adorno, de descendência corso-genovesa, era cantora profissional. Foi a convivência com a tia Agathe Adorno, que era musicista, que gerou influência decisiva para despertá-lo em suas aptidões musicais. A infância e a mocidade de Adorno se dão em meio a uma confusa, perigosa e estimulante atmosfera social, política e cultural.

Grandes movimentos sociais abalavam as estruturas férreas do capital. A Grande Guerra arrasara países, matara multidões. Em 1917 eclode a Revolução Russa, parecia ter iniciado o que a comuna de Paris havia anunciado em 1871: um processo irreversível de emancipação do proletariado, os países ocidentais pareciam à beira de revoluções semelhantes. A burguesia sentia-se ameaçada, acoçada. Na Alemanha, a 9 de novembro de 1918, a abdicação do Imperador Guilherme II ocasiona simultaneamente a proclamação de duas repúblicas antagônicas: a versão majoritária de Schedemann e a Spartakista, de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. (PUCCI; ALMEIDA; LASTÓRIA, 2009, p. 17).

Nesse cenário se desenvolveu o sociólogo, filósofo, musicólogo e crítico da cultura do século. Aos quinze anos de idade recebeu influência de um amigo da família, o crítico Siegfried Kracauer, e se envolveu com os estudos de filosofia clássica, adquirindo o hábito da leitura da *Crítica*

da razão pura, de Immanuel Kant. Aos dezoito anos, graduou-se no Colégio Kaiser Wilhelm, em Frankfurt, e ingressou na Universidade Johann Wolfgang Goethe. Vale ressaltar que várias ameaças surgiram nesse período de graves rupturas sociais em todos os países do mundo.

A situação da Alemanha entre 1871 e 1914 era de prestígio político e cultural, o que a fez seguir como principal potência do continente europeu até 1900. Atingira prosperidade em campos diversos do saber. Conhecida e admirada pelo mundo inteiro, suas universidades, sua ciência, sua filosofia e sua música eram referências culturais. Havia ultrapassado a Inglaterra e os Estados Unidos em vários setores da produção industrial em 1914, porém, em 1918, o país sofreu um golpe esmagador que seria incompreensível para o povo alemão.

Os desajustes econômicos e sociais, as crises, o desemprego e a conhecida e espantosa inflação que corroeu economicamente alguns anos da República de Weimar ocorreram concomitantemente à cartelização e formação de trustes, acarretando um crescimento brutal do desemprego e atos extremistas de terrorismo.

Onde havia influência da cultura alemã pela Europa pairou a inquietude e a efervescência da República de Weimar, o território centro-oriental europeu experimentava o cosmopolitismo, o livre comércio internacional de ideias e de influências sociopolíticas, conjuntura esta que antecede e prepara a ascensão do nazismo.

Em 1922, com dezenove anos, Adorno conheceu Max Horkheimer num seminário sobre Husserl e, no ano seguinte, Walter Benjamin. Formou-se aos 21 anos de idade, tendo como orientador Hans Cornelius, que também orientou Horkheimer e Pollock. Sua *Habilitation*, sob orientação do teólogo Paul Tillich, foi obtida em 1931 com uma tese sobre Kierkegaard cujo título é *A construção do estético*, publicada em 1933 (PUCCI; ZUIN; RAMOS DE OLIVEIRA, 2012, p. 26).

A partir de então, Adorno esteve indissolvelmente ligado à Escola de Frankfurt, que data desde 1923 com a fundação do Instituto de Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*). Trabalhando em conjunto com uma equipe interdisciplinar que se debruça sobre a problemática dos tempos agitados do século, Adorno também desenvolverá temas como a arte, a música, a literatura e a filosofia.

Em Viena, ingressou no chamado círculo vanguardista de Arnold Schönberg. Nesse período, de 1925 a 1927, se dedicou à música. A influência dos estudos musicais, principalmente sobre composição, se refletirá em seus trabalhos como modelo para seu método teórico, o qual

virá a ser reconhecido como filosofia “atonal”¹. Por possuir profundo conhecimento das técnicas de composição da escola de Schönberg, Adorno enfatizou a dimensão cognitiva da música e seu estilo é percebido no rigor empregado à composição de seus textos filosóficos, bem como à expressão estética destes em forma de aforismos e ensaios. Manifestou a influência da música em suas análises e reflexões, e, por sua vez, a filosofia negativa como momento analítico e interpretativo que lhe proporcionou o eixo teórico-metodológico para abordar a obra de arte, seja ela musical ou não, na construção ou na fruição de seu enigma, de seu conteúdo de verdade.

O pensamento expresso de modo ensaístico não se deixa capturar por nenhum sistema fechado no interior do qual cada objeto deve possuir o seu lugar determinado. Nietzsche, do qual adquire notória influência de estilo interpretativo, já havia chamado atenção para a evidência do desenrolar rítmico do próprio pensamento tomando forma de aforismo. Desse modo, Adorno manifesta que os conceitos têm lugar não absoluto no pensamento.

Os conceitos [do ensaio] devem ser apresentados de modo que um dê suporte ao outro, de modo que se articulem com os outros por meio de sua configuração... A constelação é um campo de força, bem como toda estrutura intelectual é necessariamente transformada em um campo de força sob o olhar do ensaio. (ADORNO, 2006b, p. 13).

Os conceitos não são entidades lógicas claramente distintas, mas estruturas móveis e incertas para apreender a realidade, cujas interações estão em constante evolução, e não tentando paralisar esse movimento. A forma do ensaio busca imitar a dinâmica dos conceitos, explorando-os para compreender como estes interagem uns com os outros partindo de diferentes ângulos (THOMSON, 2010, p. 14).

Ao adotar a concepção nietzschiana de filosofia como uma dupla tarefa de destruição e criação, o entendimento reformulado da dialética

1 Trata-se da interpretação de Adorno a respeito do estilo de composição do músico Schönberg, que, por sua vez, rompeu com a tonalidade convencional na música e pelo subsequente desenvolvimento dodecafônico, buscando uma fluidez e liberdade, em vez de impor um sistema rígido à sua música. Isso possibilitou que Schönberg criasse uma obra que se afastava mais livre e dramaticamente das formas convencionais. Foi exatamente esse aspecto da composição de Schönberg que chamou a atenção de Adorno, ambos precisam ser entendidos à luz da tradição específica da qual se distinguem pelas suas inovações. Explorando ambiguidades, tensões e possibilidades presentes nas ideias recebidas da arte e da cultura. Cf.: THOMSON, A. Compreender Adorno. Tradução de Rogério Bettoni. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 57-59. (Série Compreender)

por Adorno permite que alternativas filosóficas e culturais se destruam mutuamente, desvelando a cumplicidade do conhecimento com o poder, da moralidade com a violência, do progresso histórico com a destruição do mundo natural. Assim como Nietzsche, Adorno supõe que o verdadeiro princípio fundamental da realidade não é aquilo que se apresenta imediatamente à consciência. A realidade é múltipla e mutante, não se deixando imobilizar em traços separáveis, mas, ao contrário, é composta por elementos miscíveis e imiscíveis que se alternam e se alteram, se combinam e se distinguem conforme o momento histórico. O conceito é instrumento da filosofia em sua insistente tarefa de captar o não idêntico, o que foi esquecido e marginalizado no objeto ao mesmo tempo em que constitui uma tentativa de questionar o sistema de produção da realidade que exclui o outro, o não eu.

É na tentativa de encontrar novas possibilidades para o pensar e uma forma de expressão emancipadora das capacidades dos seres humanos que Adorno serve-se das filosofias de Hegel e Nietzsche:

[...] os dois pensadores que ele reconhece como os mais perspicazes da dialética do esclarecimento: a ideia de que a racionalidade, ao buscar uma superação dos entendimentos irracionais do mundo, transforma-se ela própria numa forma de dominação irracional. De Hegel, Adorno absorve o sentido de que pensar dialeticamente é apresentar a negação da negação. Para uma interpretação do presente em relação ao passado. (THOMSON, 2010, p. 43).

A dialética hegeliana tenta captar o movimento que existe nos conceitos e na realidade histórica, através da contradição interna entre os momentos de sua constituição (tese-antítese-síntese), para demonstrar que a realidade é um processo análogo ao pensamento, no qual o Espírito se objetiva como o mundo (Ideia-Natureza-Espírito): aquilo que se mostra aos nossos sentidos como indício de verdade, a Ideia-em-si é o que se mostra como realidade dinâmica, é apenas aparência, uma manifestação abstrata que precisa ser negada como verdade, é o que constitui o momento da tese.

A antítese, enquanto momento primeiro da negatividade, provoca a tensão e o movimento no processo do vir a ser, é a Ideia-fora-de-si, compreendida como o espaço, a natureza que se desenvolve no homem, em cuja consciência a Ideia se torna consciente de si mesma. A autoconsciência da Ideia é o Espírito. O próximo passo, a síntese, realização primeira da verdade na dialética, expressa, ao mesmo tempo, três dimensões do novo conceito: é negação da negação, portanto se contrapõe à antítese, negando-a.

Ao incorporar elementos da tese e da antítese, a síntese é o Espírito tomado como manifestação fundamental enquanto tempo de autoconsciência (*Aufhebung*). Considerado o estágio superior na dialética, é expressão da verdade e do concreto, pois a mente está reconciliada com a natureza em entendimento e conhecimento, como resultado de múltiplas determinações. (HEGEL, 2011)

Para Hegel, o movimento dialético enquanto um todo se manifesta como a ciência da experiência da consciência: é o espírito subjetivo (a consciência, a razão) que se realiza nas experiências dos homens em suas contradições históricas (espírito absoluto) e que reconhece o processo histórico dos homens como ação efetiva de si mesmo, estabelecendo uma identidade entre o conceito e seu objeto. Dessa relação entre um ser cognoscente e um objeto cognoscível resulta o conhecimento, sua síntese é o objetivo e o subjetivo, que, ao ser refletido na mente, concebe a realidade. (HEGEL, 2011)

Na filosofia kantiana, para haver conhecimento é necessário que haja entendimento, faculdade que sintetiza em conceitos as intuições da sensibilidade, ou seja, só podemos ter a experiência do real enquanto sujeito transcendental e, portanto, há o deslocamento do sujeito da sua condição material para um reino do inteligível, que está além dos fenômenos. Esse aspecto da filosofia kantiana será abordado e criticado por Adorno na Dialética Negativa, no sentido de que o modelo de sujeito nela preconizado está moldado pela facticidade e, por isso, desprovido de espontaneidade. (ADORNO, 1982, p. 172)

Por meio desse processo de raciocínio autocrítico, Adorno encara a possibilidade de uma não identidade capaz de perceber a ambiguidade, por exemplo, do conceito de cultura no qual o indivíduo foi educado, mas que se tornou obsoleto.

A cultura passa a ser percebida como um projeto destinado a eternizar-se somente por meio de contradições violentas e viciosas; mas, ao mesmo tempo, como um projeto histórico e político determinado e, por isso, nem natural nem o único possível.

1.2. Teoria Social na Escola de Frankfurt

O programa da Escola de Frankfurt é todo pautado na teoria crítica da sociedade, e foi a partir de uma semana de estudos marxistas (*Marxistische Arbeitswoche*) na Turingia, em 1922, organizado por Felix Weil, que contou com as presenças de Karl Korsch, George

Lukács, Friedrich Pollock, Karl August Wittfogel, entre outros, que esses marxistas não ortodoxos (que na década dos anos 1920 permaneceram à margem de um marxismo-leninismo, seja em sua versão teórico-ideológica, seja em sua linha militante e partidária) tiveram a ideia de institucionalizar um grupo de trabalhos para a documentação e teorização dos movimentos operários na Europa, assegurando o vínculo com a Universidade de Frankfurt.

O grupo foi elaborado para continuar a transformação da filosofia moral em crítica social e política que teve início em Karl Marx (1818-1883), propondo uma concepção da história forjada pelo trabalho humano (ou práxis), dentro de determinadas condições materiais que variam no tempo e no espaço, também conhecida como materialismo dialético. A relevância dessa filosofia social consiste, sobretudo, na análise do papel da força do trabalho humano, convertido em tipo peculiar de mercadoria, dentro de um sistema de troca de mercadorias. A sua teoria da mais valia ressalta a injustiça advinda da peculiaridade de o trabalho gerar ativamente mais valor de troca que aquilo que custa aos empregadores como salário de subsistência. Ao tratar os trabalhadores como mercadoria geradora de lucro, corre-se o risco de deixar de considerá-los como seres humanos.

Em sua obra *O Capital* (1867, 1885, 1894), Marx empregou o método da dialética de Hegel para gerar uma crítica interna da teoria e prática do capitalismo, mostrando que, com base nos pressupostos de que o trabalho humano é a fonte do valor econômico – encontrados em teóricos como Adam Smith –, esse sistema deve sofrer crises cada vez maiores, que resultarão na tomada final do controle dos meios de produção, cada vez mais centralizados nas mãos da relativamente pequena classe de proprietários capitalistas, pelos anteriormente não proprietários empobrecidos, o proletariado, no interesse de uma sociedade a partir de então sem classes.

Logo, a proposta de unir teoria e prática para a análise da sociedade parte de Marx, que fornece insights sobre a identificação, a explicação e a crítica de hierarquias de dominação e subordinação, particularmente as de uma ordem econômica na sociedade humana. Foi na perspectiva do Marxismo como Filosofia escrito por Karl Korsch que o método marxista foi acolhido pela Escola de Frankfurt.

De acordo com Freitag (1986, p. 10-12), o Instituto de Pesquisa Social foi oficialmente criado em 03 de fevereiro de 1923, conseguindo preservar sua autonomia acadêmica e financeira no decorrer da sua existência, por mais que estivesse ligado a uma Universidade. Isso ocorreu graças a Felix Weil, financiador do Instituto, cuja primeira

geração passou por três fases de desenvolvimento: na primeira fase a direção é de Cart Gruenberg, que editava a revista *Arquivo*, voltada para a história do socialismo e do movimento operário, com caráter estritamente documental. Em 1930, o Instituto passou a assumir as feições de um verdadeiro centro de pesquisa sob a direção de Max Horkheimer, que editou um novo veículo de produção e divulgação dos pesquisadores e críticos, a *Revista de Pesquisa Social*.

A *Revista de Pesquisa Social* contava com colaboradores intelectuais proeminentes como Pollock, Wittfogel, Fromm, Gumperz, Adorno, Macuse, entre outros que contribuía com artigos, ensaios e resenhas. A revista teve nove anos de publicação, sendo seu primeiro número lançado em 1932 e o último em 1941, ano em que foi elaborado o primeiro e único número em inglês.

Também nessa fase, Horkheimer e Fromm coordenaram um estudo empiricamente orientado em vários países europeus, o *Estudos sobre Autoridade e Família* (Paris, 1936), no qual integraram a teoria marxista com o freudismo, procurando obter informações sobre a estrutura de personalidades da classe operária europeia. Segundo os teóricos, essa classe teria perdido a consciência da sua missão histórica, submetendo-se a formas de dominação e exploração contrárias ao seu interesse emancipatório. A dinâmica dessa pesquisa é orientada numa metodologia dialética, de inspiração hegeliana e marxista, cujas contribuições empíricas e históricas da sociologia e da moderna historiografia foram incluídas na reflexão teórica.

Já havia a intenção de elaborar uma teoria materialista social-psicológica dos processos históricos societários por parte da direção do Instituto, então, partindo de um interesse documental, abrange-se o estudo para o campo teórico do “porquê” de a classe operária não ter assumido o seu destino histórico de revolucionar a ordem estabelecida. Essa explicação era buscada na conjunção específica das macroestruturas capitalísticas com as microestruturas da família burguesa e proletária.

Horkheimer precavidamente já havia transferido a redação da *Revista de Leipzig*, na Alemanha, para Londres, criando, em 1931, filiais do Instituto em Genebra, Londres e Paris. Em 1933, a sede do Instituto em Frankfurt foi confiscada pelo governo nazista, mas já estava funcionando em Genebra sob o nome de Sociedade Internacional para a Pesquisa Social, contando com os filiados Pollock, Tillich, Ch. Beard, R.S., Lynd, F. Saussure, E. Fromm, Neumann, entre outros, todos colaboradores ativos (FREITAG, 1986, p. 13).

Na fase da emigração do Instituto para os Estados Unidos, o antisemitismo e o progresso do movimento nazista liderado por Hitler

já haviam tomado proporções alarmantes, fase na qual Benjamim, Marcuse e Adorno se filiaram ao Instituto. Com a ajuda de Nikolas Murray, em 1934 o Instituto se vinculou à Universidade de Columbia, sob o nome de Instituto de Pesquisa Social.

O material produzido especificamente nessa fase emigratória está sob o impacto provocado sobre os intelectuais europeus pela cultura americana, expressão máxima do capitalismo moderno e da democracia de massa. Esses trabalhos foram essenciais para a origem e criação da “Teoria Crítica”, surgindo uma série de artigos publicados na Revista, a obra coletiva de cientistas americanos e alemães que, juntamente com Adorno, elaboraram a pesquisa empírica *A personalidade autoritária* (1947), e da coletânea de ensaios escritos em colaboração por Adorno e Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*.

Em *A personalidade autoritária*, Adorno teoriza sobre um material exclusivamente empírico, no qual a reflexão é sobre a interação entre a dinâmica psíquica do indivíduo e as condições sociais e políticas da sociedade em que vive, no caso a sociedade americana. Preservando a orientação freudo-marxista, conforme afirma Freitag (1986, p. 19), o estudo revela uma nova tipologia de estruturas de personalidades (a do liberal genuíno, do conservador, do lunático, do manipulador, entre outros), ressaltando a necessidade de considerar diferentes graus de intensidade em cada um dos tipos ou síndromes de personalidade.

Personalidade, sob o conceito de Reich e Fromm, é uma organização de forças mais ou menos duráveis no indivíduo, vista como uma instância entre a base econômica e a ideologia das sociedades capitalistas modernas. (FREITAG, 1986).

Foi possível detectar que há uma baixa correlação entre os altos níveis da escala PEC (temas econômicos e sociais) e a escala F (fascismo), pois os dados recolhidos da escala PEC somente atingem camadas superficiais da personalidade, já a escala F revela a dinâmica profunda da vida pulsional dos indivíduos.

Os intelectuais conseguem explicar como pessoas que emitem opiniões conservadoras sobre a política e a economia podem ter estruturas de personalidade menos fascistas, e outras pessoas com opiniões liberais e democráticas, ao serem analisadas mais profundamente, têm personalidade rígida, fruto de um conflito edipiano mal resolvido, portanto, vulneráveis ao antissemitismo, podendo exteriorizá-lo a depender do contexto histórico, como válvulas de escape para pulsões mal interiorizadas.

A Dialética do esclarecimento (1947) dá início a reflexões teóricas mais radicais. Até então, Adorno e Horkheimer haviam mantido certa

confiança na razão crítica, acreditando que, apesar dos percalços e retrocessos, a humanidade realizaria a emancipação contida na concepção kantiana da razão libertadora. Essa obra é justamente a ruptura com essa convicção profunda, a tematização da morte da razão kantiana, asfixiada pelas relações de produção capitalista.

De volta a Frankfurt em 1950, Adorno e Horkheimer foram nomeados professores catedráticos do Departamento de Filosofia da Universidade Johann Wolfgang Goethe. Em 1955, Adorno assumiu a direção do Instituto de Pesquisa Social, introduzindo o tema da cultura e desenvolvendo a teoria estética, marcada pela crítica do mundo administrado, na qual sobressai a crítica ao cultural e à educação.

A maioria dos colaboradores havia seguido rumos diferentes. Marcuse ficara nos Estados Unidos, assumindo uma cátedra na Universidade Brandeis, na Califórnia, onde ficou até sua morte em 1980. Walter Benjamim, perseguido pelos nazistas, foi barrado na fronteira espanhola, o que o levou a suicidar-se em 1943. Seu artigo *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* é de grande valor para a crítica cultural.

Novos colaboradores passaram a contribuir com a produção do Instituto: Rolf Tiedemann, Helge Prass, Christoph Oehler, Alfred Schmitt, Jürgen Habermas e Ludwig Von Friedeburg, que, à frente da direção do Instituto, coordenaram uma pesquisa entre os estudantes universitários de Frankfurt e Berlim no ano de 1961, seguindo a orientação das duas pesquisas anteriores: *Estudo sobre autoridade e família* (1936) e *A personalidade autoritária* (1950). A pesquisa *Estudante e política* (1961) foi pensada para avaliar o potencial autoritário e/ou democrático da nova geração estudantil pós-segunda guerra, e acabou por revelar uma síndrome autoritária latente na maioria dos participantes.

No período entre 1966 a 1968, eclodiu um protesto estudantil contra as estruturas autoritárias da universidade e da sociedade alemã e europeia, alcançando proporções que transpõem a teoria crítica em prática revolucionária liderada por *Rudi Dutschke*. Os frankfurtianos combateram esse movimento por conter traços fascistas, culminando com a morte prematura de Adorno em 1969, em Visp, perto de Zermatt, no cantão de Wallis, Suíça, onde passava as férias (PUCCI; ZUIN; RAMOS DE OLIVEIRA, 2012, p. 42-43).

A Teoria Crítica passou por uma fase turbulenta, na qual houve uma retomada da produção da primeira geração. Esse movimento editorial lançou uma nova luz sobre a rica produção dos frankfurtianos. Os responsáveis são *Suhrkamp Verlag*, *A. Schmidt*, *R. Tiedemann* e *Jürgen Habermas*, que apresentaram um novo paradigma para a discussão da teoria crítica: o da razão comunicativa, que continua em pleno desenvolvimento.

CAPÍTULO II

CULTURA, INDÚSTRIA CULTURAL E REPRODUÇÃO

2.1 Indústria cultural: conceito e relevância da crítica

Na época em que o termo indústria cultural (*Kulturindustrie*) foi introduzido, no livro *Dialética do esclarecimento*, escrito por Adorno e Horkheimer em 1947, o cuidado com a ambiguidade do conceito “indústria cultural” se tornou desde o primeiro momento evidente, sendo este absolutamente diverso do que é espontâneo e, por isso, a necessária distinção do sentido daquilo que é considerado como arte popular, que emerge da própria massa como forma de expressão da comunidade, como designa a expressão cultura de massa (THOMSON, 2010, p. 94).

O termo se positivou de tal modo que Indústria Cultural na atualidade é considerado um setor da economia responsável pelo entretenimento, um dos mais importantes propulsores do progresso. Criado desde o primeiro momento como provocação, pois contém em si a contradição, na qual a cultura é vista como lugar da produção da consciência, campo da expressão do singular, do autêntico e, portanto, da emancipação, é posta lado a lado com o termo indústria, setor da padronização e reprodução de mercadorias.

A crítica dos frankfurtianos é justamente denunciar o caráter manipulador e dominador da indústria cultural, que gera uma percepção ilusória a propósito do que é espontâneo, do que é satisfatório, da possibilidade de escolhas, do que é esclarecimento e que culmina na falsa projeção do eu. Condicionando, promovendo e naturalizando a barbárie e perpetuando a ideologia como forma de pensamento dominante, que reforça a compulsão ao sempre igual, gera-se, portanto, uma mentalidade do ticket – esta é, conforme enfatiza Adorno, um processo de desumanização: a própria consciência reificada.

Como nada escapa aos ditames do mercado, a cultura é tomada pela indústria, e o que era absorvido para a construção da subjetividade

enquanto singularidade, passa a ser estipulado enquanto produto cultural a ser comercializado e conseqüentemente consumido. Na ânsia por satisfação frustra-se a esperança, pois a felicidade não se realiza pelo consumo de bens materiais. O desejo de consumo ilimitado gera a perda de sentido das ações, pois o tempo é marcado pelo stress. Nessa hiperatividade destrutiva, a possibilidade de pensamento é vaga.

O denominador comum “cultura” já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 101-102).

Assim, o sujeito que vive na sociedade manipulada do consumo de massa e que está envolvido na práxis da razão instrumental é, ao mesmo tempo, o homem histórico, dotado de subjetividade cega, que precisa punir sua própria limitação, pois, provida de abstração, transforma o mundo em objeto de conhecimento. Esse homem moderno passa da experiência à representação através da técnica, meio pelo qual intenta se tornar mestre e senhor da natureza.

Por ser na realidade mais um produto da indústria cultural, o semiformado (*Halbbildung*) é o sujeito incapaz de abarcar possibilidades que se abrem como forças de resistência à integração social, mas somente à sua adaptação e à situação social vigente. Alheios ao tempo que escorre, pois se tornou líquido, ocorre a apreensão de si como objeto sem valor e sem sentido.

Logo, o problema cultural é considerado por Adorno como um todo, e indica que essa situação não é inevitável, mas hipostasiada e alimentada por uma indústria que privilegia a diversão como fuga do cotidiano sem constituir crítica alguma ao status quo, sendo, por esse mesmo motivo, uma forma de dominação muito sutil e perigosa que envolve grande parte da população e a priva de uma vida que tenha um real sentido, na qual possa expressar a dor, o sofrimento, a angústia, sem que esses sentimentos sejam simplesmente banalizados, reduzidos ao clichê, ao rótulo, ou ao que é pior ao diagnóstico. De acordo com Cohn (1998, p. 20-21),

Remete à ideia de uma articulação crescente entre todos os ramos de um empreendimento produtor e difusor de mercadorias simbólicas sob o rótulo de cultura [...] Trata-se de uma modalidade específica de entidades simbólicas multidimensionais, produzidas e difundidas segundo critérios prioritariamente administrativos, relativos ao controle sobre os efeitos no receptor e não segundo critérios prioritariamente estéticos, relativos às exigências formais intrínsecas à obra.

Justamente por exercer influência via entidades simbólicas multidimensionais, objetivamente manipuladas e que consistem num mecanismo de acordo com o qual os consumidores se convencem de que estão escolhendo o que verdadeiramente desejam, quando, na verdade, recebem o que “pensam” que querem, de acordo com resultados de pesquisas de opinião previamente realizadas, a partir das quais são detectadas tendências psicossociais latentes que norteiam a elaboração da oferta de mercadorias culturais de uma temporada.

Nessas condições, o “esclarecimento” possível resulta em mistificação das massas como uma das faces da indústria cultural, configuração pela qual se revela atualmente para nós a dominação social como algo natural. O pior é que a instrumentalização da razão nem de longe é percebida como o pagamento pela dominação da natureza, o medo e as ameaças de antes não devem nem ser comparadas às vidas danificadas, comercializadas, absolutamente integradas ao sistema e ao princípio de troca.

O cerco é feito pela indústria cultural ao consumidor por meio da propaganda e da publicidade, do cinema, do rádio e da televisão, que, ao fornecer “chaves” de interpretação aos consumidores, expropriam de uma capacidade que originalmente estava circunscrita à subjetividade, ou seja, à sua capacidade de elaborar o próprio pensamento e estabelecer sínteses. Assim, essa manipulação retroativa é recurso pelo qual a indústria cultural submete a dinâmica pulsional² à mimese do sistema, de tal modo que, na impossibilidade de o material inconsciente aceder à consciência com vistas à sua elaboração, é mediado cada vez mais e recalçado à camada inconsciente do aparelho psíquico, retornando à cena como sintomas.

Assim “a psicologização do sofrimento” alcança um nível no qual as fontes objetivas que o ocasionam não são mais identificadas.

As mediações objetivas que ocasionam transformações na subjetividade são observadas pelo viés da experiência quantitativa em detrimento da experiência qualitativa, sempre de modo a expressar o modo de variação dos contrários sob o prisma da segmentação de mercado que impacta diretamente na apropriação cognitiva da realidade diante do enfraquecimento do eu, com vistas à indução ao consumo, ocasionando a pobreza da experiência – efeito considerado catastrófico, pois significa que é o fim da transmissão de valores da convivência consigo mesmo e na sociedade, como a solidariedade e a gratidão,

2 Origem das fontes de estímulo no interior do organismo e seu surgimento como força constante e inevitável, não são satisfeitos pelo mecanismo do sistema nervoso, responsável pelo equilíbrio dos estímulos externos; são considerados os motores do progresso.

tecidos no longo prazo como a amizade, o amor, as relações de pais para filhos e no trabalho. (MATOS, 2010, p. 164).

Em questão está a definição da existência do objeto real que se confunde com o estético, incompatibilizando a relação do homem e seu desejo. Nesse sentido, não há como desvincular a importância dos fatores econômicos oriundos da expansão capitalista que estruturou a sociedade em torno do consumo de bens materiais, de informação e de cultura. Afinal, o desenvolvimento das forças produtivas, das técnicas e das condições de produção, material ou cultural, conduzem o mundo, mediados pelo trabalho do homem, cujo interesse está voltado para as coisas desse mundo e por isso age tendo como finalidade o seu próprio progresso, o progresso da humanidade, ao qual está sujeito ao movimento na natureza e às transformações na vida ética, política e histórica.

Ao constituir-se enquanto ser histórico, o indivíduo é sempre a unidade de uma diversidade. “A consciência que conhece é puro devir e não coisa, pois jamais se poderia viver duas vezes um mesmo estado e uma mesma situação. O presente vivido não se esgota em um único sentimento, sensação ou ato de vontade” (MATOS, 2011, p. 47-48).

O fato de o crescente “realismo” dos dispositivos de captação e reprodução, mesmo de simulação de conteúdos audiovisuais, criarem uma espécie de mundo paralelo, imagens e sons fornecidos pelos meios de comunicação, emulam a realidade, suprimindo elementos que poderiam suscitar a crítica, não somente dessas media, mas também do sistema político e econômico que as produzem, justamente para conservar o estado das coisas como são, o que acarreta um risco para a democracia real. O sujeito cooptado, ao contrário do indivíduo histórico, corresponde a fins programados, ao automatismo inconsciente, ou por mera assimilação.

Há um constante estímulo para que busquem os últimos lançamentos, a expectativa em torno das próximas tendências, inclusive considerando a possibilidade de “obsolescência” em curto prazo, a exemplo do mercado da moda, justamente para já engajarem as próximas novas campanhas publicitárias que farão girar o mercado de consumo, são alguns dos canais que aprofundam o véu que cobre o real.

O produto comercializado, embora seja praticamente o mesmo, aspecto esse sutilmente obscurecido a fim de não ressaltar a homogeneidade, já que o que se vende é justamente as associações possíveis em torno do produto, como “poder” aquisitivo ligado à marca, ao bom gosto, ao estilo, o conforto oferecido, o respeito conquistado por meio da aquisição do produto x, cria uma série de ilusões que permeiam o “estilo de vida” que o indivíduo almeja exibir, a “pseudo-personalidade” que podemos considerar o ápice da identificação

incondicional. O auge da energia psíquica e o modo de agir do indivíduo está em conformidade com o poder tecnológico gerado pela ciência, cujos efeitos sobre a percepção do tempo não é mais de agente, mas de agido, como realizado.

‘Pseudo-individualidade’ é pressuposto para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 128).

Na tentativa de ser do sujeito, a estandardização da moda promove certa diferenciação social entre iguais por meio da “aparência”, que na realidade é apenas mero disfarce que corrobora para a internalização do sacrifício.

Portanto, os efeitos da propaganda sob a massa não é apenas mera padronização irracional, mas, como amplamente elucidado por Adorno na *Dialética negativa*, nenhuma teoria escapa mais ao mercado: cada uma é oferecida como possível dentre as opiniões concorrentes, tudo pode ser absorvido, tudo é escolhido. (ADORNO, 2009, p. 12)

O feticchismo faz do homem sua principal mercadoria ao reduzi-lo a seres pseudorracionais cujo aconselhamento do senso comum requer reforço de autoridade para ser eficaz. Ajustando-se, obtém voluntariamente o caráter de coisa e, portanto, seu valor é de uso; descaracteriza-se o humano para trocá-lo como coisa, simultaneamente reduzindo-o a algo inerte, pois não possui vida própria.

O sujeito da identidade só reconhece a si mesmo, seu único imperativo moral corresponde ao seu próprio interesse, o que o autoriza a praticar toda espécie de violência nos confrontos com a natureza e com outros indivíduos, pois quanto mais se afirma, mostrando-se capaz de utilizar o mundo circundante para a efetivação de seus próprios intentos, mais torna-se escravo da segunda natureza.

Por segunda natureza compreende-se a formação socioeconômica que surge no capitalismo, com a vida social completamente mediada e submetida a todo um aparato de dispositivos de controle, os quais acentuam o processo de aniquilação subjetiva, que se materializa na dicotomia sujeito-corpo. Submetendo o corpo, que é justamente o lugar mesmo da experiência à inadequação da batalha material, a internalização do sacrifício cotidiano na luta pela sobrevivência, o sujeito acomoda-se numa negatividade rancorosa, regressiva das capacidades humanas.

Da morte da experiência é em grande parte responsável o fato de as coisas, sob a lei da sua pura utilidade, adquirirem uma forma que restringe o trato

com elas ao simples manejo, sem tolerância por um excesso, ou de liberdade de ação ou de independência da coisa, e que pode subsistir como gérmen de experiência, porque não pode ser consumido pelo instante da ação. (ADORNO, 2001, p. 29).

Adorno eleva o conceito de experiência, para a qual requer aumento da parcela subjetiva na relação de conhecimento, nisso reside a sua principal radicalidade: não minimizar o hiato que há na relação sujeito e objeto, pois o objeto de modo algum é idêntico ao sujeito ou pode vir a sê-lo. Segundo Rodrigo Duarte em *Mimeses e racionalidade*, há sempre um “resto” na relação de conhecimento, o qual não é subsumível pelo sujeito cognoscente, logo, para se falar em “modelo de pensamento” cujo valor de não identidade vigore, subjetividade e objetividade devem se avolumar adequadamente, requerendo um plus do sujeito, a fim de que este possa dissolver a contraditoriedade na unidade da consciência. (DUARTE, 1993, p. 165)

Dissolver-se-ia, por exemplo, a ideia de que as forças produtivas da atual sociedade industrial são responsáveis pela determinação da forma social, sem referência às relações sociais que sucumbem em contato com a alergia do *Zitgeist* (espírito do tempo) positivista contra a experiência, atualmente sob o domínio do tecnológico, profundamente marcado pelo progresso das ciências naturais, que têm no domínio da natureza seu elemento determinante, e na destruição desta e do homem, seu elemento catastrófico.

Adorno nos indica que há algo exagerado, irracional e patogênico nesse trato com a coisa, pois, segundo ele, o homem se inclina a considerar a técnica como algo em si mesma, um fim em si mesma, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do seu braço. A técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana, mas atualmente está fetichizada, porque os fins: uma vida humana digna, encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. Na experiência filosófica não ocorre algo como a repetibilidade, como na ciência natural, da qual provém a tecnologia. Segundo Adorno, a consciência que interpõe entre si e aquilo a que ela pensa um terceiro, imagens, reproduz mesmo que involuntariamente o idealismo à medida que o objeto do conhecimento é substituído por uma coleção de representações cuja arbitrariedade equivale ao sujeito absoluto.

No pensamento de Adorno, não há possibilidade de uma vida meramente correta e adaptada (uma falsa vida). É pela autorreflexão, pela interioridade, possíveis graças à experiência estética, que o sujeito cognoscente passa a se posicionar eticamente, na medida em que o juízo,

através da imaginação, que é a faculdade do pensamento capaz de medir a distância entre o real e aquilo que é prometido pelo seu conceito, se torna eficaz para uma vida rica em experiências comunicáveis. Como diz Bachelard (1996, p. 08), a imaginação tenta um porvir. É um fator de imprudência que nos destaca das pesadas estabilidades, como são as realidades constituídas a partir das sociedades administradas como forma do poder e da dominação no presente, que monopolizam o dinheiro e o poder, valorizando o absurdo, como os totalitarismos e fascismos.

Sistemas instrumentais elaborados para desencorajar a responsabilidade do indivíduo e exaltar a palavra do especialista, cujo conhecimento nem sempre se relaciona com a experiência social ou tem como princípio a responsabilidade com fins éticos e humanos. Grupos engajados socialmente por vezes demonstram suas capacidades intelectuais por meio da expressão da indiferença, do isolamento, do desraizamento, da solidão.

Em meio ao desrecaleque generalizado, o homem perde sua capacidade de simbolização, produzindo uma sociedade da dessublimação repressiva, que constitui a realidade afigurada no sujeito.

Realidade perversa, mal intencionada legitimada pela ideia de sistema, cuja objetividade é negativa. É a desrazão impeditiva da realização humana, pois ao conceber a impotência do espírito, o qual é considerado onipotente, corrobora para a inércia da práxis, para o esquecimento da própria natureza humana, para a perda da capacidade de pensamento, para a medicalização da sociedade, para a tecnificação da vida, o que elimina toda e qualquer possibilidade de uma atividade reflexiva sobre o próprio sujeito, pois tal postura comportamental é considerada inútil.

Enquanto a subjetividade for utilizada para fins idealistas para esconder a reificação humana, o homem se degradará na realidade, em função da totalidade social através de sua conexão ao sistema, sucumbindo à dominação absoluta do espírito, irreconciliado, e por isso incapaz de ver sentido no caos e, portanto, de exercer uma práxis transformadora e emancipatória.

CAPÍTULO III

PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO PARA ALÉM DE UM PENSAMENTO CONFORMADO

3.1 Crítica à Semiformação como reprodução do pensamento vigente

A grande pretensão da proposta de formação cultural burguesa era que os indivíduos livres e racionais fizessem uso da vontade e do livre-arbítrio, ainda que tivessem que viver em sociedade e que, com isso, sublimassem seus impulsos, visando uma convivência social não patológica. Com a ascensão do nazismo, essa proposta demonstrou-se insuficiente.

A classe burguesa alemã responsabilizada por erigir uma atmosfera intelectual na qual a formação cultural poderia ser objetivada de tal maneira que haveria um autorreconhecimento do espírito, do ponto de vista econômico estava mais desenvolvida e mais consciente, possibilitando sua ascendência econômica e administrativa frente às pessoas de pouco dinheiro e aos camponeses. Detinham o acesso à formação cultural espiritualizada, mas se afastaram das atividades políticas, constituindo uma camada social.

O termo formação cultural está intrinsecamente adjudicado com cultura (*Kultur*); são praticamente equivalentes. Só que, enquanto *Kultur* tende a se aproximar das realizações humanas objetivas, *Bildung* vincula-se mais às transformações decorrentes na esfera subjetiva. (ADORNO, 2005, p. 388).

Também conhecida como mandarinato, a fundamentação de ambos os conceitos está vinculada à ascensão da classe burguesa alemã, legitimada pela produção intelectual que foi capaz de produzir, impactando numa estrutura de produção e propagação das manifestações culturais, apartadas das condições materiais e espirituais que foram responsáveis pela sua existência.

Culminou em uma classe sem consciência de si a exclusão do proletariado, atrasada subjetivamente em relação à burguesia, que se

tornou a classe dominante, numa sociedade formalmente vazia, na qual a formação cultural monopolizada pela burguesia em consonância com a desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores os pressupostos necessários para a formação.

A partir desse contexto histórico, a revogação da exclusão do proletariado foi alimentada pela ilusão de que a formação, por meio do processo pedagógico por si e isoladamente, daria conta de sanar as diferenças e cumprir com a promessa de felicidade, que sabemos ser uma realidade socialmente constituída com base na adaptação e conformação. O sonho da formação ressoa nas possibilidades de libertação da imposição dos meios, principalmente econômico e utilitarista, mas se mantém presa ao conceito burguês de formação, bem como serve aos interesses dos que são beneficiados pelo antagonismo entre o poder e a impotência econômica.

Tomada pelo fato de sua apropriação subjetiva, a formação entendida como cultura acaba por constituir um duplo caráter ao remeter-se à sociedade ao mesmo tempo em que a intermedeia à semiformação, sedimentando uma espécie de espírito objetivo negativo.

Ao se converter num valor, a cultura dissociada da implantação das coisas humanas se absolutiza e torna-se semiformação (*Halbbildung*).

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas, sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação, cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva. (ADORNO, 2005, p. 03).

A semiformação apresenta-se ideologicamente como uma formação completa, capaz de proporcionar sínteses conclusivas que identificam o indivíduo semiformado não como tal, mas sim como profundo conhecedor de assuntos que são abreviações.

Podemos analisar a hegemonia da semiformação a partir da substituição de uma experiência formativa por um estado informativo pontual, desconectado e intercambiável no qual dificilmente as informações são relacionadas entre si a ponto de que ocorra o salto qualitativo necessário para transformá-las em conceitos.

O que por si atesta seu caráter de fraqueza em relação ao tempo, à memória que é a mediação que realiza na consciência a síntese da experiência que caracterizaria a verdadeira espiritualização da cultura pelos homens, fica irremediavelmente abalada.

Ao articularem a linguagem por conceito, sem darem conta de que este é resultado da experiência da consciência, é o todo, a verdade; e que o objeto

é a história dos homens em seu devir contraditório, que se sente expressa nos conceitos constituídos pela consciência, os sujeitos são incapazes de realizar a síntese necessária para absorção da realidade multifacetada.

O indivíduo semiformado identifica-se com o conceito e com o objeto, gerando indivíduos que pensam de forma estereotipada, sem que haja no discurso a mínima possibilidade de que perspectivas discordantes possam confrontá-lo.

A esse processo de supremacia da identificação ergue-se a crítica filosófico-educacional da teoria de Adorno à defesa de um modo de pensar que não se entrega diante das facilidades de um raciocínio condicionado a permanecer na superfície do dado imediato, elucidando a necessária manutenção de um pensamento que ensine a ler as entranhas de cada objeto analisado.

Portanto, não se limita a construção da identidade ao momento em que o indivíduo se distancia do objeto, num movimento de contemplação. É preciso a retomada de contato consigo mesmo, pela mediação do trabalho, objetivando-se não somente o autorreconhecimento de si, como também o reconhecimento do outro, construindo, portanto, uma relação de alteridade.

A função do pensamento é de resistência ao status quo vigente, o qual se compromete com um juízo existencial. Superando a mera produção de *Well adjusted people* como bem adverte Adorno no texto “Educação para quê?”, é justamente porque o pensamento não se encontra reconciliado com a realidade que é possível realizar sua autocrítica, procurando compreender quais fatores o levaram a um processo de embrutecimento que culmina, por exemplo, com os campos de concentração nazistas.

Uma orientação educacional que tenha como meta que Auschwitz não se repita quer dizer que as condições que geram a regressão da consciência não são fenômenos superficiais, pelo contrário, elas persistem e são de suma importância em face da tendência dominante do progresso, devendo, portanto, constar entre os momentos históricos necessários para a reflexão do real no sentido da existência humana, do esclarecimento, do humanismo e que, portanto, deve ser suscitado pedagogicamente enquanto fato histórico, pois a vigência dessas condições poderá nos conduzir à nossa própria aniquilação.

O modo pelo qual a semicultura se difunde está entranhado na forma como a mercantilização dos produtos simbólicos, ou seja, a indústria cultural determina novos processos educativos, não permitindo a verdadeira democracia e nem a validação da racionalidade livre, tendo em vista o alcance global das formas de conduta que estão atreladas ao consumo dos produtos semiculturais difundidos pelo *mass media*.

A nossa tutela é consequentemente transferida das ordens advindas das instituições religiosas para os sucessivos comandos aos quais submetemo-nos, dos produtos semiculturais veiculados pela pseudodemocratização da produção simbólica. Assim, distraídos em meio às ofertas, aos reclames, *pop ups*, emojis, uma infinidade de recursos utilizados irrefletidamente, e que por isso mesmo prendem a atenção flutuante dos sujeitos, que entre ser percebido e o perceber necessitam do choque da sensação, cujo fascínio audiovisual, por exemplo, desperta a força de integração social de forma imediata sem medir riscos, logo, de forma irresponsável, como se a vida estivesse sob controle, uma vez que é calculada como uma mercadoria. Esse sujeito é um telespectador que se protege da vida real por meio de uma tela. (ZUIN; PUCCI; DE OLIVEIRA, 2004, p. 70)

Immanuel Kant (2005, p. 63), em resposta à pergunta “o que é esclarecimento?”, afirma que “[...] Esclarecimento (*Aufklärung*) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável”.

Ao estender o entendimento de Kant para além da reflexão racional de uma lei universal para a qual não basta agir conforme a lei, pois fazê-lo por interesse próprio ao invés de por respeito à lei não pode ser descrito como moral, mas reformulando o conceito de autonomia moral kantiana, que representa a luta não somente contra o conformismo social, mas contra os impulsos e instintos do eu contra a natureza humana, Adorno explica o seu entendimento sobre educação.

A produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. (ADORNO, 2006a, p. 141).

A educação é sinônimo de emancipação, o mesmo que conscientização, a racionalidade operando para que o processo pedagógico supere a mera adaptação, fortalecendo a resistência frente à realidade opressiva, equipando o homem para que mantenha suas qualidades individuais sem cair no conformismo individualizador. Ao mesmo tempo, reunindo princípios individualistas e sociais, preparando o homem para se orientar no mundo, não apenas se ajustando, mas construindo uma dialética entre adaptação e resistência, cujo imperativo seja a produção de uma consciência verdadeira capaz de efetivar a síntese entre os dois momentos específicos da *bildung*; autonomia e adaptação.

No que cerne à consciência, Adorno a relaciona à capacidade do homem em realizar experiências, e que essa “experiência” é o pensar

em relação à realidade, ao conteúdo. A mediação da experiência será outra preocupação de Adorno, pois, em sua análise, a constituição para aptidão à experiência e o processo de individuação possuem motivações inconscientes, não programadas, que por exercício direcionado é administrado, o que resulta conseqüentemente no impacto dessa experiência para a formação intelectual, em que pese sua capacidade de formar-se, elevar-se, cultivar-se.

Ao mediar a experiência do pensamento por meio da técnica, por exemplo, altera-se de modo expressivo a apreensão da realidade que conduziria a um nexos entre “a coisa em si”, e conseqüentemente sua reflexão sobre ela é rompida, produzindo uma consciência reificada.

Essa estrutura do pensamento e sensibilidade, característica da consciência reificada, não apenas indica a completa ausência de genuíno cultivo espiritual, como também sinaliza para o perigo de cristalização de um caráter manipulatório, capaz de identificar e fundir inteiramente com o impessoal, de reduzir-se à condição de matéria natural ou componente funcional, numa completa reificação de si e do outro. (PUCCI; ALMEIDA; LASTÓRIA, 2009, p. 44).

A consciência reificada é a própria deformação da consciência, a qual toma por cultura aquilo que nega a cultura, ou seja, a pseudoformação que gera a banalização da “vida espiritual” em sua relação consumista com as produções culturais, rebaixando a formação e a cultura a um instrumento para atingir fins alheios, a exemplo da formação excepcionalmente tecnicista que almeja apenas o sucesso como bom profissional do mercado. Uma consciência reificada não possui poder de autorreflexão, devido a isso se coloca acriticamente a serviço dos poderes instituídos, seja ao Estado ou ao mercado.

O termo *espiritual* empregado em sentido adjetivo é acolhido por Adorno para designar a relação entre filosofia e formação, pois ambas são assumidas em seu relacionamento (*Verhältnis*) como autoconsciência do espírito, e que pode ser encontrada em cada manifestação particular do espírito, desde que reflita sobre seu fazer.

É necessário, para tanto, que haja condições que determinem as disposições formais do pensamento para a superação permanente da alienação. Tendo posto esse ponto nevrálgico, abre-se também a possibilidade da superação da “fraqueza do eu”, premiada pela sociedade como sendo uma atitude colaboracionista na qual impera o interesse próprio e que culmina no desaparecimento da pessoa individualizada, pois a individualidade não é algo dado, é possível que se forme a individualidade

no processo da experiência da alienação, na experiência do não eu no outro, como consta na entrevista que Adorno concedeu a Becker.

Uma possibilidade que se abre para a formação do eu é que este se eduque para a originalidade e constitua a si próprio núcleo impulsionador da resistência. Para Adorno, somente essa condição possibilita a sobrevivência do indivíduo. Um eu capaz de, ao mesmo tempo, submeter-se a esse mundo sem perder sua autonomia, que, diante da adaptação, em lugar de se identificar, volte-se para o não idêntico, mediado justamente pelo não conceitual enquanto momento dêitico.

Na Dialética Negativa, ao afirmar que a reflexão filosófica assegura-se do não conceitual no conceito (ADORNO, 2009, p. 18), o filósofo aponta para a força crítica do pensamento: a própria filosofia cumprindo o que lhe é tarefa, suscitar a intelecção do caráter constitutivo do não conceitual no conceito, dissolvendo a compulsão à identidade própria do conceito. Assim, apreende o momento do jogo prefigurado pelo acaso extrínseco, o algo do pensamento que o estende para além de si mesmo, e que não é elaboração da razão, mas é inerente ao próprio movimento do pensamento.

Adorno se preocupará em assegurar à filosofia a tarefa de desencantar o conceito, e desideologizar a crença de que temos o infinito à nossa disposição (ADORNO, 2009, p. 19). Contra a inclinação natural do pensamento à ilusão, à ideologia, que uma vez perpetuado no ser finito, ou seja, no sujeito, deforma a consciência e a condena a um processo regressivo, que é a semiformação, incapaz de operar a reconciliação.

A reconciliação com a realidade requer a narração dos fatos históricos, remetendo-os ao não esquecimento, que é o sentido da História, bem como a sua função terapêutica de recordar, tendo a vida como experiência finita, por isso mesmo capaz de se comover com o passado, quando afetado pela tristeza de momentos vividos por nós ou por nossos antepassados (MATOS, 2011, p. 15). Para quem o objetivo do historiador é justamente as ações humanas, no tempo, individualizando as épocas históricas e procurando ingressar na “essencialidade” do passado pela empatia.

A sociedade atual ainda ilude os homens com mentiras, dando a impressão de que não é preciso temer a morte e sabotando a reflexão sobre isso (ADORNO, 2009, p. 328). Ainda assim, o despertar da consciência é possível, pois filosofar é o modo de resistência ao processo de destruição da autonomia humana e combate a sua falsa mensagem de liberdade nos moldes das leis de mercado, bem como uma alternativa de recusa a um modelo educacional hegemônico que induz o pensamento simplista ao rótulo que tudo engloba na lógica de equivalência, portanto, reducionista.

Seguindo esse raciocínio, o conceito de genocídio abafa o horror do holocausto, bem como o acontecimento indizível *Auschwitz* é um

modo de evitar falar sobre os mortos e os mecanismos específicos de assassinato em grande escala a que a palavra se refere.

Sobre o que não é narrado, a consciência não opera superação (*Aufhebung*), elevando o momento histórico singular à consciência de si. Em vez disso, aliena a própria razão histórica, já que permanece em estado inconsciente da liberdade, irrefletido sobre ações formadoras e deformadoras da subjetividade.

3.2 Após Auschwitz como imperativo da formação contra a reprodução da barbárie

A catástrofe é sintoma da regressão da humanidade. Consequência das ações irrefletidas de pessoas semicultas, que, por terem determinado conhecimento, se julgam como prontas, formadas. Eis o que impossibilita seu pleno desenvolvimento, pois o processo para isso está cristalizado e por isso mesmo são facilmente cooptadas pelo sistema, que as usa para a realização de seus intentos.

Para o semiculto, o cumprimento do seu dever independe de reflexão ética, pois são incapazes de se sentirem responsáveis, como é o caso de Eichmann, um dos mais “eficientes” oficiais nazistas cuja responsabilidade era garantir a logística dos assassinatos em massa do nazismo, agindo de modo absolutamente normal, justificando-se como um empregado que cumpriu seus deveres, como mostra o relato de Hannah Arendt em *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Muitos dos algozes eram filhos dos camponeses, com claros indícios de defasagem cultural, bem como pessoas com tendências regressivas, que apresentavam traços sádicos reprimidos como no caso do próprio Adolfo Hitler. Fora os aspectos psicossociais ressaltados e sustentados para justificar o horror, o fato é que não há justificativa ou explicação para o horror do holocausto.

Essa é a preocupação de Adorno no artigo A Educação contra a barbárie, ao advertir que houve uma série de condições objetivas que já se encontravam compondo o próprio sistema social (ADORNO, 2006b, p. 156).

Enquanto a política de extermínio estava sendo implementada na Alemanha, em um procedimento normal de tomada de decisão, a opção pelo extermínio físico como um meio correto para alcançar fins foi produto de ações burocráticas, colaborando para a realização de um verdadeiro Estado germânico no qual não havia lugar para judeus, mulheres, gays, ciganos, poloneses, ou quem quer que fosse considerado diferente, em

prol de um ideal político que almejava constituir uma sociedade humana objetivamente melhor, mais eficiente, mais moral, mais bela.

No artigo *Educação após Auschwitz*, Adorno enfatiza o quanto é perigosa a adesão irrefletida em coletivos, que, em consequência, ocasiona a própria dissolução do sujeito enquanto ser autodeterminado (ADORNO, 2006b, p. 127), culminando no fenômeno da irrepresentabilidade: primeiro do próprio sujeito, enquanto agente de suas próprias ações, e que por se abster da necessidade moral do pensar, e logo, do agir, são subsumidos pelo sistema burocrático que produz um distanciamento entre a ação e suas consequências efetivas, visando a eficiência na organização do processo para a realização tecnológica da sociedade industrial, e, segundo, na impossibilidade da representação do horror, pois o Holocausto coloca em julgamento nossas categorias conceituais e representativas tradicionais.

Ao apresentar modelos ideais exteriores que não se originam da própria consciência emancipada, mas que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo modelos ideais coletivistas-reacionários, aos quais deveríamos ser orientados muito mais a resistir, já que o processo de adaptação ocorre atualmente de modo automático e naturalizado, culminando no que Adorno suscita como o problema mais grave – a inaptidão do homem a experiências, pois interpõem entre si mesmos e aquilo a ser experimentado uma mediação, a exemplo da técnica que, para além da sua função, impacta substancialmente no consciente e inconsciente do homem, operando diretamente na perda da capacidade de pensamento.

Os mecanismos de repressão e de formação reativa persistem deformando a consciência humana, que se caracteriza pelo pensar em relação à realidade, ao conteúdo, à relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito, e aquilo que ele não é (ADORNO, 2006b, p. 151).

No momento em que a própria cultura incessantemente promove a menoridade do sujeito, chegando ao ponto da sua própria liquidação, o curso regressivo dos sentidos o conduz ao embrutecimento e emudecimento, ocasionando a morte da linguagem como expressão. Como bem aponta Adorno no artigo *Fetichização* da música e regressão da audição, a assimilação dos meios pelo sujeito ocorre sobre um modo de comportamento perceptivo que prepara o esquecer, a desconcentração, ressaltando o comportamento das pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço, e pela docilidade de escravos sem exigências, cujo tipo de audição, bem como o esporte, o cinema e a música de massa contribuem para tornar impossível o abandono da situação infantil em geral (ADORNO, 1996, p. 90).

O reinado da beleza no mundo pela via da economia de mercado deixa um rastro de mediocridade, vulgaridade e poluição visual que, em consonância com o individualismo desenfreado, realça a ideia das “mônadas sociais”, que significa que quanto mais o sujeito se auto afirma, o que não passa de máscara da sua persona, menos resta do que podemos chamar de autêntica personalidade, fato esse que faz da liberdade uma utopia, pois o sujeito dessa sociedade é empobrecido, e mesmo que despersonalizado, não passa de simples objeto social, indiferente ao mundo e ao outro, ficando historicamente condenado, pois em seu isolamento rompe a transmissão da memória, enfrenta sua condição mortal sem qualquer potência ou sentido, seja político, moral ou religioso. Desprovido de referências, perde a possibilidade de um centro de gravidade que hierarquize o todo, em meio às suas vivências fetichizadas permeadas por crueldade, competição, indiferença e rancor. (ADORNO, 2006b, p. 133).

Se a frieza não fosse um traço básico antropológico e, portanto, da constituição humana como ela realmente é em nossa sociedade; se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, exceto o punhado com quem mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceitado. (ADORNO, 2006b, p. 134).

Na visão de Adorno, esse é o horror que cotidianamente ocorre diante dos nossos olhos, elevado à escala máxima de padronização até os campos de concentração, o qual atualmente é o campo da subjetividade humana, que, ao ver o outro como concorrente isolado, é indiferente quanto ao seu destino.

Mas esse aspecto é uma deficiência na capacidade de amar do homem, cristalizada em seu caráter pelo próprio processo civilizatório em vista de sua tendência de desenvolvimento, cujo atual espírito acomodado gera um clima de aceleração, sensação de estar em um contexto alterado que causa mal-estar, pois é vivido como vazio existencial perpetuado no presente, uma vez que a ideia de futuro foi desvalorizada. Esses traços correspondem à sociedade do espetáculo, em que todas as dimensões da subjetividade são determinadas pelo fator econômico (MATOS, 2006, p. 140).

A desgraça é ser arrastado impotente para a morte, perdurando em meio às unidades humanas padronizadas e administradas, que já não são coagidas, pois uma vez seduzidas, se voluntariam ao adestramento social, ao mesmo tempo em que o sofrimento objetivamente lhe é endereçado, restringindo – quando não impedindo – sua plena realização. O que por si deveria causar horror, uma vez que a sensação de aniquilamento iminente não faz parte da nossa experiência existencial, a expressão da

dor e do sofrimento persiste na angústia de saber que não há mais tempo para o sensível no mundo cientificamente administrado, pois corpo e alma são produtos a serem geridos.

Conforme o livro *A arte e as artes: primeira introdução à teoria estética* (ADORNO, 2018, p. 33), nessa insuficiência objetiva do pensamento em que não há sintonia entre o material e o espiritual, o espírito também flutua; entre si e seus portadores se interpõem espaços vazios. O primado da conexão, que estabelece o princípio construtivo no material, transforma-se com sua dominação pelo espírito na perda do espírito, do sentido imanente.

Encerra-se, desse modo, com a possibilidade de libertação do sujeito semiformado, tal é a fratura na unidade da razão, que não desconfia da sua legitimidade perante a totalidade.

Se na atualidade a filosofia possui um desafio, é justamente criticar a disposição racional sobre os modos de procedimento ardilmente manipulados politicamente para justificar meios, a exemplo do próprio holocausto, dos genocídios, da institucionalização da violência e do terrorismo previamente catalogados. Afinal, o capitalismo se retroalimenta da banalização do trágico, sem recuar da dureza realista da disciplina do material que impõe sua hostilidade na forma de uma sociedade programada, cotidianamente repetitiva e massacrante.

Nas palavras de Adorno em *Minima Moralia*, “[...] é com o sofrimento dos homens que se deve ser solidário: o menor passo no sentido de diverti-los é um passo para enrijecer o sofrimento” (ADORNO, 2001, p. 20).

Confrontamo-nos com as condições que tornaram Auschwitz possível e que persistem atualmente. O processo do conhecimento se dá nessas condições, de impedimentos e impossibilidades que nos causam dor, pois a experimentamos como sofrimento, que é expressão de objetividade que pesa sobre o sujeito (PUCCI; ZUIN; RAMOS DE OLIVEIRA, 2012, p. 93). É também essa inquietude (advinda do sofrimento) que lhe confere alguma esperança na mudança. O momento corpóreo transmite o conhecimento de que o sofrimento não precisa existir como carente de sentido e banalizado, mas pode e deve ser transformado.

Sujeitos emancipados não devem recusar-se à possibilidade de fundar uma sociedade cujo *telos* norteador seja o amor, pois a experiência do amor nos faz solidários e nos impele à recusa da indiferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início, o objetivo desta pesquisa monográfica era analisar o processo de deformação da consciência decorrente da Indústria Cultural, este demarcado pela semiformação como meio para a adaptação do indivíduo às formas sociais vigentes, impedindo a emancipação do homem frente a sua capacidade de humanização.

A questão que se seguiu concomitante à pesquisa, e que resultou nesse trabalho, foi a ampliação da minha percepção em relação aos resultados observados a partir do meu próprio comportamento no processo deformativo, no modo como as relações se constroem no campo do saber, na forma como podemos assimilar e nos adaptar à realidade determinada pelo social. Afinal, não estamos imunes à semiformação.

Buscando responder à pergunta central da reflexão: quais os fundamentos do processo de semiformação na apreensão do real e seus impactos na emancipação do homem para Theodor Adorno?

Compreendi que o cerco feito pela Indústria Cultural ao consumidor, por meio da propaganda e da publicidade, do cinema, do rádio, da televisão, ao fornecer “chaves” de interpretação aos consumidores, expropria-os de uma capacidade que originalmente estava circunscrita à subjetividade, ou seja, à sua capacidade de elaborar o próprio pensamento e estabelecer sínteses. A este mecanismo nos referimos como manipulação retroativa, um recurso pelo qual a Indústria Cultural submete a dinâmica pulsional à mimese do sistema, de tal modo que na impossibilidade de o material inconsciente aceder à consciência com vistas à sua elaboração, é mediado e recalcado cada vez mais à camada inconsciente do aparelho psíquico, retornando à cena como sintomas e resultando na psicologização do sofrimento.

Naturaliza-se o que é produzido socialmente como valor, a exemplo da violência, do antissemitismo, da discriminação, da exclusão social, do genocídio, do holocausto, da guerra. Essas questões não são e não podem ser separadas da semiformação, cuja persistência inviabiliza toda possibilidade de mudança.

A formação é entendida como cultura tomada por sua apropriação subjetiva, mas que acaba por constituir um duplo caráter ao remeter-se à sociedade ao mesmo tempo em que a intermedia pela semiformação, sedimentando uma espécie de espírito objetivo negativo.

Em consonância com a ideia das “mônadas sociais”, que significa que quanto mais o sujeito se auto afirma, menos resta do que podemos

chamar de autêntica personalidade; fato esse que faz da liberdade uma utopia, pois o sujeito dessa sociedade é empobrecido, e mesmo que despersonalizado, não passa de simples objeto social, indiferente ao mundo e ao outro, ficando historicamente condenado, pois em seu isolamento rompe-se a transmissão da memória, enfrenta sua condição mortal sem qualquer potência ou sentido, seja político, moral ou religioso.

Desprovido de referências, perde a possibilidade de um centro de gravidade que hierarquize o todo, em meio às suas vivências fetichizadas permeadas pela crueldade, competição, indiferença, rancor. (ADORNO, 2006b, p 133).

Compreendemos que o impacto da semiformação sobre a subjetividade impõe o sofrimento e culmina com o aniquilamento do sujeito, cujo momento corpóreo transmite o conhecimento de que o sofrimento não precisa existir como carente de sentido e banalizado, mas pode e deve ser transformado.

Mesmo em meio à circunstâncias objetivamente negativas, abre-se a possibilidade de superação como momento da síntese, que é o Espírito tomado como manifestação fundamental enquanto tempo de autoconsciência. Muito embora a maioria não se realize espiritualmente por ser aniquilada subjetivamente no processo de semiformação.

Trata-se de resistir, recusar-se à mera conformação e, aos poucos, abrir-se para o convívio harmônico que abra espaço ao não-idêntico. Esses, sim, num estado de emancipação, poderão fundar um *telos* norteador em Eros, cuja expressão do sujeito seja transmutada pela arte e cada vez menos pelo rancor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2001. v. 77. 259 p.

_____. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. In: Os Pensadores – Theodor W. Adorno. Textos Escolhidos. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. **A arte e as artes: primeira introdução à teoria estética**. Tradução de Rodrigo Duarte. 2. ed. Rio de Janeiro-RJ: Bazar do Tempo, 2018.

_____. **Teoria estética**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2012.

_____. Teoria da semicultura. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 17, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006a. 254p.

ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006b. 190 p. 22 cm.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 335p.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Tradução de José Américo Motta Pessanha, Jaqueline Raas e Maria Lúcia de Carvalho Monteiro. 2. ed. São Paulo: Difel, 1986.

_____. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução de Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2012.

CHAUÍ, Marilena; SAVIAN FILHO, Juvenal; MATOS, Olgária. **A história**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 85p.

COHN, Gabriel. **A atualidade do conceito de indústria cultural**. In: MOREIRA, Adalberto da Silva (Org.). Sociedade global: cultura e religião. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. **Mímeses e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno**. São Paulo: Loyola, 1993. 205p.

DUARTE, Rodrigues. **Indústria cultural e meios de comunicação**. In: CHAUÍ, Marilena; SAVIAN FILHO, Juvenal Savian. São Paulo: Martins Fontes, 2014. (Coleção: Filosofia: o prazer de pensar).

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **O indivíduo em formação**. São Paulo: Cortez, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Habermas e a escola de Frankfurt**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2012. 41 min. (Ata – Mídia e educação).

_____. **Técnica e ciência como "ideologia"**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2013. 145p.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 269p.

JAY, Martin. **As ideias de Adorno**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1988.

KANGUSSU, Imaculada; GUIMARÃES, Bruno; COSTA, Rachel. **Estética moderna e contemporânea**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?** Textos seletos. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

LEÃO, Emmanuel Carneiro; KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Tradução de Raimundo Vier. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 106p.

MANN, Klaus. **Contra a barbárie: um alerta para nossos dias**. Lisboa: Gradiva, 2017.

MATOS, Olgária Chain Féres. **A crise da representação e a perda do espaço público**. In: FUNDAÇÃO LIA MARIA AGUIAR; INSTITUTO PROMETHEUS DE ESTUDOS AMBIENTAIS, CULTURAIS E POLÍTICOS (Orgs.). Fórum Rumos da Cidadania. 1. ed. São Paulo: Instituto Prometheus de Estudos Ambientais, Culturais e Políticos, 2010. 204p.

MATOS, Olgária. **Discretas esperanças**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

MARCUSE, Hebert. **Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social**. Tradução de Marília Barroso. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. 3ª reimp. São Paulo: Companhia de bolso, 2013. 169p.

PUCCI, B.; ALMEIDA, J.; LASTÓRIA, L. A. C. N. **Experiência formativa e emancipação**. São Paulo: Nankin Editorial, 2009.

PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio Alvaro Soares; RAMOS DE OLIVEIRA, Newton. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010.

THOMSON, Alex. **Compreender Adorno/Alex Thomson**. Tradução de Rogério Bettoni. Petrópolis: Vozes, 2010.

ZUIN, Antônio. **10 lições sobre Adorno**. In: ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz Nabuco. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015. (Coleção 10 Lições).

ZUIN, Antonio Alvaro Soares; PUCCI, Bruno; DE OLIVEIRA, Newton Ramos. **Ensaio frankfurtianos**. São Paulo: Cortez, 2004.